

Boca torta

Antes de sair para lecionar Evangelho às crianças, no templo espírita, Dona Rosália chamou a jovem que lhe atendia à cozinha e, guardando certa porção de goiabada no armário, avisou:

— Guilhermina, peço que reserve o doce para as visitas que estou esperando.

Daí a instantes, Joaninha, a caçula da casa, veio à copa e retirou da prateleira pequeno bolo que destinava a uma colega que sempre lhe pedia merenda.

E seguiu a mæzinha para a aula.

A preleção do dia versava sobre a mentira, e perante mais de trinta crianças D. Rosália contou vários casos fatais de meninos mentirosos, como aquela história do garoto que enganava sempre a todos e acabou morrendo afogado, porque julgavam estivesse ele a brincar.

A miúda assembleia escutava com assombro.

— E depois disso tudo — esclarecia a

professora —, sempre ouvi dizer que as pessoas mentirosas trazem defeitos na boca. Algumas perdem a língua, outras ficam de lábios tortos.

Finda a aula, todos os meninos estavam muito bem impressionados.

De novo em casa e ao tomar os chinelos para descanso, a dona da casa é procurada por jovem da vizinhança.

— Dona Rosália — diz respeitosa —, tia Cota mandou pedir a senhora um pedaço de goiabada, se a senhora tiver...

— Ah! minha filha, hoje não temos doce algum — foi a resposta.

Joaninha, porém, que ouvia, em silêncio, falou de pronto:

— Tem sim, mamãe.

— Ora essa! — disse a mæzinha, desapontada — acaso teremos doce sem que eu saiba?

— Está no armário. Vamos lá.

D. Rosália seguiu a filhinha e confirmou que realmente se enganara e, sorrindo, embora corada de vergonha, entregou toda a goiabada existente à vizinha, que se despediu com sincero agradecimento.

Em seguida, a professora de Evangelho sentou-se pensativa...

Mas, ao vê-la nesse estado, a pequenina, que não passava dos cinco anos de idade, abei-

rou-se dela, abraçou-a e disse simplesmente:

— Mæzinha, eu sei que a senhora não sabia onde estava a goiabada. Eu tive foi muito medo de a senhora ficar com a boca torta...

D. Rosália, porém, afagou-a, com mais carinho, e falou:

— Não se preocupe, minha filha. Tudo está muito bem. Nossas visitas de hoje não terão doce, mas sua mãe terá a consciência tranquila.



24

O bico de gás

I

Naquela noite Vitalino Caixeta discutira muito. Acaloradamente.

Opondose aos argumentos de dois amigos, combatia a fé. Acreditava sómente no que visse. Estudara profundamente a anatomia e precisava apalpar para crer. Necessitava sentir, ouvir, cheirar, analisar...

Por isso mesmo, estava contrariado ao recolher-se.

A esposa demorou-se ainda um tanto em luta pela ordem no apartamento estreito.

Acomodava os filhinhos, atendia aos mistérios da casa.

Mas, mesmo depois que D. Constância passou a ressonar, Vitalino prosseguia em solilóquio mental.

Não mudaria. Era homem prático. Só se renderia à evidência dos fatos. Queria fatos.